

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA E CRIAÇÃO CONCEITUAL¹

SUPERVISED TEACHING INTERNSHIP IN PHILOSOPHY AS A PHILOSOPHICAL EXPERIENCE AND A CONCEPTUAL CREATION

LA PASANTÍA SUPERVISADA EN FILOSOFÍA COMO EXPERIENCIA FILOSÓFICA Y CREACIÓN CONCEPTUAL

Fábio Antonio Gabriel

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutorando em Educação pela UEPG, bolsista de doutorado: bolsa concedida no âmbito de convênio CAPES/ Fundação Araucária

Ana Lúcia Pereira

Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática (UEL). Professora do Departamento de Matemática e Estatística e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG

Antonio Carlos de Souza

Doutor em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Professor do Colegiado de Filosofia, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Jacarezinho

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar teoricamente o ensino de Filosofia na licenciatura em Filosofia e o estágio supervisionado como experiência filosófica e criação conceitual. Explicita-se o trabalho mediante questionamento a respeito da maneira como são formados os futuros professores de Filosofia e, em tal contexto, questiona-se se os licenciados vivenciam uma experiência filosófica como criação conceitual. Nesse sentido, a questão central da pesquisa formula-se do seguinte modo: Em que medida o ensino de Filosofia na licenciatura e o estágio supervisionado possibilitam que o graduando tenha uma experiência filosófica e vivencie uma criação conceitual que lhe permita experimentar o desafio de ser um professor filósofo? O artigo aponta a necessidade de entender o estágio supervisionado não como um momento burocrático da licenciatura, mas como um momento de formação do futuro professor de Filosofia.

Palavras-chave: Formação de professores de Filosofia. Estágio supervisionado. Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

The present paper aims to investigate, theoretically, Philosophy teaching within Philosophy programs and the supervised teaching internship as a philosophical experience and a conceptual creation. The study questions the way in which future Philosophy teachers are educated and, consequently, if students live a philosophical experience as a conceptual creation. Therefore, the main question of the study is as follows: To what extent Philosophy teaching within Philosophy programs and the supervised internship allow undergraduate students to have a philosophical experience and to undergo a conceptual creation that allows them to have the challenge of being a philosophical teacher. The paper points out the need to understand the supervised teaching internship not as a bureaucratic moment of the program, but as a moment of education of the fu-

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil e Fundação Araucária.

ture Philosophy teacher.

Keywords: Philosophy teacher education. Supervised internship. Philosophy teaching.

RESUMEN

En el presente artículo se tiene como objetivo investigar teóricamente la enseñanza de Filosofía en la licenciatura en Filosofía y la pasantía supervisada como experiencia filosófica y creación conceptual. Se explicita el trabajo mediante cuestionamiento acerca de la forma en que se forman los futuros profesores de Filosofía y, en tal contexto, se cuestiona si los licenciandos viven una experiencia filosófica como creación conceptual. En ese sentido, el tema central de la investigación se formula de la siguiente manera: ¿En qué medida la enseñanza de Filosofía en la licenciatura y la pasantía supervisada posibilitan que el futuro graduado tenga una experiencia filosófica y experimente una creación conceptual que le permita vivir el desafío de ser profesor filósofo? En el artículo se apunta la necesidad de entender la pasantía supervisada no como un momento burocrático de la licenciatura, sino como un momento de formación del futuro profesor de Filosofía.

Palabras clave: Formación de profesores de Filosofía. Pasantía supervisada. Enseñanza de Filosofía.

CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA “ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA”

O tema de investigação neste artigo é “O estágio Supervisionado em Filosofia como experiência filosófica e criação conceitual”. Inicialmente, os autores destacam a importância de o estágio na formação do professor e, posteriormente, apresentam dois predicativos que entendem como contribuição para pensar o estágio supervisionado: a experiência filosófica e a criação conceitual.

Sacristán (2015, p. 12) afirma que, por não conhecermos o futuro, ele é incerto, mas, em uma relação de causa e efeito, o futuro depende do presente; assim, a qualidade da formação do professor garantirá melhor qualidade na educação futura. Nesse sentido, pensamos que o estágio supervisionado em Filosofia deve ir além da mera burocracia, buscando contribuir para o bom êxito dos futuros professores de Filosofia.

D’Ávila e Abreu (2014) salientam que o estágio deve superar a visão academicista no que concerne à transmissão de conteúdos e evitar o pragmatismo, ao como fazer. Os autores afirmam, ainda, que o estágio deve ser o momento da experiência, das oportunidades de uma investigação por parte do licenciando, da problematização das relações entre ensino e aprendizagem. Pimenta e Lima (2012), Melo (2014) e Araújo (2016) enfatizam a importância de que o estágio supervisionado seja considerado o momento oportuno para conciliação entre teoria e prática. Trata-se do momento em que o licenciando pode ter contato com a realidade escolar. Além disso, esses autores entendem que o estágio supervisionado deve ser considerado um momento de pesquisa sobre a prática docente.

Quando pensamos em experiência filosófica, compreendemos um determinado entendimento filosófico que vai além do mero enciclopédismo, ou seja, um estudo da história da Filosofia sem uma relação com o cotidiano da vida e com a existência. Entende-

mos, assim, que é de grande importância ir além do enciclopedismo e possibilitar àquele que estuda Filosofia uma experiência do pensamento. Nesse sentido, a filosofia de Deleuze propõe a compreensão da filosofia como criação de conceitos: “A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos. [...] Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11, grifo dos autores).

Nosso referencial teórico também se baseia nos escritos de Manuel Maria Carrilho, em especial a obra *Razão e transmissão da filosofia*. Esse filósofo tem considerações que os autores julgam importantes para pensar o estágio supervisionado em Filosofia - entre elas o entendimento da pessoa do professor de Filosofia como professor-filósofo, no sentido de que o professor de Filosofia é convidado a fazer com que sua aula de Filosofia seja um laboratório do pensamento, superando todo e qualquer entendimento da Filosofia como doutrinadora. Desse modo, nosso problema de investigação apresenta-se do seguinte modo:

- ✓ Em que medida o ensino de Filosofia na licenciatura e o estágio supervisionado possibilitam que o graduando tenha uma experiência filosófica e vivencie uma criação conceitual que lhe permita experimentar o desafio de ser professor-filósofo?

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NAS LICENCIATURAS

Ao investigar o estágio supervisionado, encontramos referenciais em Pimenta e Lima (2012), D’Ávila e Abreu (2014), Melo (2014) e Araujo (2016). Pimenta e Lima (2012) tematizam o entendimento do estágio como a reprodução de um modelo, mas, diante desse entendimento, surge a dificuldade em precisar o que significa ser um bom professor. Pimenta e Lima (2012) destacam que, para ser um bom professor, é necessário o domínio de determinadas técnicas. Pimenta e Lima ainda afirmam que se busca superar um distanciamento entre teoria e prática e, assim, o estágio seria entendido como o momento de pesquisa, como o momento da investigação teórica.

D’Ávila e Abreu (2014) salientam que o estágio deve superar a visão academicista no que concerne à transmissão de conteúdos e evitar o pragmatismo, centrado no como fazer. Os autores afirmam ainda que o estágio deve ser o momento da experiência, da oportunidade de uma investigação por parte do licenciando em que se problematizem as relações entre ensino e aprendizagem. Melo (2014) corrobora tais afirmações ao compreender o estágio como o momento da conciliação entre teoria e prática, para o que não bastam meras alterações no currículo e imposição de mudanças institucionais.

Araújo (2016) também ecoa tais modelos de compreender-se o estágio. O primeiro

modelo, na visão deste autor, considera o estágio como aplicação prática da teoria. Isso foi muito adotado no modelo de formação 3+1 (3 anos de disciplinas teóricas e 1 ano de disciplina pedagógica). De acordo com o autor, o estágio configura-se como campo de produção de saberes e de conhecimentos que supera uma visão burocrática, os quais se baseiam na observação, na participação e na regência. Para Araújo (2016), o estagiário deve ser convidado a participar ativamente da realidade escolar como protagonista de modificações que possam contribuir para a melhoria das relações ensino e aprendizagem.

Medeiros (2016, p. 11), ao realizar uma pesquisa sobre o estado da arte das teses e das dissertações sobre o estágio supervisionado, afirma que o problema que “[...] se apresenta consiste na estrutura do estágio e suas interfaces na intersecção entre universidade e a escola”. Medeiros (2016) aponta ainda que a relação entre escola e universidade apresenta fragilidades, e a pessoa do estagiário, ao invés de ser acolhido no ambiente escolar, muitas vezes é visto como um invasor, alguém que vai ao ambiente escolar para criticar as atividades desenvolvidas pelo professor. Nesse sentido, Baccon e Arruda (2010) destacam que o estagiário acaba muitas vezes sendo visto como um empecilho na sala, pois quebra a rotina do professor. Os autores destacam, ainda, que precisa se criar um novo olhar para a presença do estagiário, e o professor em serviço deveria se perceber como coformador nesse processo, pois o Estágio Supervisionado é um divisor na decisão do licenciando em ser professor (BACCON, 2005; BACCON; ARRUDA, 2010).

Acreditamos, assim, na relevância de se pesquisar sobre o estágio supervisionado na medida em que, ao investigá-lo, também pensamos na formação de professores como um todo e, no nosso caso, na formação de professores de Filosofia. Em relação ao estágio supervisionado, percebemos que o desafio é conciliar a prática com a teoria, articular as disciplinas pedagógicas do curso de licenciatura com as disciplinas específicas. E outro elemento de grande importância é a parceria com a unidade escolar acolhedora dos estagiários. Por vezes, instala-se um distanciamento entre a unidade escolar e a faculdade que forma os professores. Os professores da Educação Básica, por vezes, não se veem como colaboradores na formação dos futuros professores. Ao não existir tal ligação entre as instituições, o estágio acaba, por vezes, restrito a uma penosa obrigação a ser cumprida.

Como nossa investigação está relacionada mais especificamente ao estágio supervisionado em Filosofia, passamos a apresentar autores que dissertam sobre o ensino de Filosofia, tendo em vista que não encontramos produções acadêmicas que contemplem especificamente o estágio supervisionado em Filosofia.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA

Heuser (2010) afirma que são poucas as licenciaturas em que a dicotomia entre prática e teoria são tão gritantes como na licenciatura dos cursos de Filosofia. Para que se consiga pensar a licenciatura em Filosofia de forma mais integrada, a autora indica a ne-

cessidade de se superarem muros, a saber: licenciaturas que funcionam como bacharelados, preconceitos contra a docência (valoriza-se a pesquisa e se desvaloriza a docência), dissociação entre produção filosófica e docência. Heuser (2010) entende a importância de entender a atividade de formar novos professores como um problema filosófico, como um primeiro passo para se superarem esses muros.

Nesse sentido, Cerletti (2009), ao longo de sua obra, defende o argumento de que ensinar Filosofia exige que se problematize filosoficamente seu ensino. “Afirmamos que um ensino ‘filosófico’ é aquele em que o filosofar é o motor de tal ensino; e que, enquanto atividade própria da filosofia, esse ensino enlaça o *fazer filosofia* com o sentido de sua transmissão” (CERLETTI, 2009, p. 21, grifos do autor).

Nessa perspectiva, o contexto do estágio supervisionado em Filosofia torna-se burocrático e não possibilita, dessa forma, uma experiência filosófica aos licenciandos e nem uma criação conceitual, limitando-se ao enciclopedismo. Todavia, acreditamos que se os conteúdos enciclopédicos forem tratados como problemas filosóficos e não como doutrinas inquestionáveis, pode-se possibilitar uma experiência filosófica aos graduandos. Assim, entendemos que é importante que se compreenda o ensino de Filosofia na licenciatura como um problema filosófico e existencial e não apenas como uma exigência burocrática a cumprir para finalizar a Graduação.

Tomazetti e Moraes (2016) tematizam que a formação de professores de Filosofia deve ser entendida como um problema filosófico. Para as autoras:

[...] transformar o problema do ensino de filosofia em problema filosófico significa perguntar pelo *que ensinar* e, com isso, desnaturalizar o ensino – tanto entre os estudantes como entre os próprios professores das licenciaturas. Daí a necessidade de entender que tal processo é subjetivo, mas deve ser também institucional, visto que se reconhece que aqueles que se formam em Filosofia têm o direito – para não dizer o dever – de filosofar. (TOMAZETTI; MORAES, 2016, p. 749, grifo das autoras).

Tomazetti e Moraes (2016) analisam as competências e as habilidades propostas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia – CNE/CES 429/2001 – e observam a ausência de uma preocupação mais explícita sobre a formação inicial de professores de Filosofia no que se refere ao ponto de vista didático-pedagógico. As autoras analisam a grade curricular do curso de licenciatura em Filosofia da *Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)*. O resultado é que, de 24 disciplinas, apenas 7 são didático-pedagógicas e elegem a preparação para sala de aula como condição a ser valorizada. As autoras concluem o artigo propondo a necessidade de entender a formação de professores de Filosofia também como autoformação, para que o formando possa e consiga ir além do que lhe é oferecido e chegue à Educação Básica em condições de propiciar aos estudantes uma aprendizagem filosófica satisfatória.

Gontijo (2015) afirma que, com relação ao estágio supervisionado, há diversos formatos nos cursos observados, havendo instituições que distribuem as 400 horas de estágio

supervisionado em dois, três ou quatro semestres. Há aquelas que criaram uma disciplina específica de estágio supervisionado e outras instituições organizam o estágio em forma de tutoria em que “[...] a turma de estudantes de estágio é distribuída entre vários docentes que fazem a supervisão de pequenos grupos de estagiários” (GONTIJO, 2015, p. 131). É importante ressaltar que, segundo o pesquisador, em algumas circunstâncias, as disciplinas didáticas e os estágios são ministrados por professores que não são do departamento de Filosofia, geralmente provenientes do departamento de Educação.

ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA E CRIAÇÃO CONCEITUAL

Lopes (2016) entende a aula de Filosofia como o momento de realizar uma oficina de criação de conceitos que propicie elementos para que se efetive uma experiência filosófica. A autora propõe, para que essa experiência filosófica se realize, que os conteúdos de Filosofia sejam “[...] organizados em torno dos problemas tratados pela filosofia [...]” (LOPES, 2016, p. 303). Nessa perspectiva, o estágio supervisionado em Filosofia pode ser, também, o momento de criação conceitual e experiência filosófica na medida em que se constitua como uma oficina de conceitos, um momento de problematizar filosoficamente não apenas os conteúdos a serem ensinados, mas também a forma de os ensinar.

Gelamo (2006), ao pensar na Filosofia como experiência filosófica, apresenta a situação apontada por Deleuze que, na obra *Conversações*, entendeu o fazer filosófico enquanto ministrava aulas. O fazer filosófico seria uma compreensão da Filosofia “[...] não só pelos conceitos, mas por afectos e perceptos” (GELAMO, 2006, p. 20, grifos do autor). Contudo, como entender isso? Gelamo (2006) ajuda-nos a entender em que isso implica para o ensino de Filosofia:

[...] cabe ao ensino de filosofia dar condições para que os conceitos possam ser experimentados e criados por cada aluno, ou seja, propiciar *acontecimentos* nos quais o ensino de filosofia não seja apenas um exercício de ensino de conceitos, mas um ensaio de pensamento [...]. (GELAMO, 2006, p. 21, grifo do autor).

O ensino de Filosofia não pode restringir-se à transmissão de conhecimentos, mas deve possibilitar uma experiência do pensamento. No entendimento do ensino de Filosofia como experiência filosófica, Aspís (2004, p. 305) aponta que “[...] o ensino de filosofia deve ser produção de filosofia como o fazem os filósofos, portanto o professor de filosofia deve ser filósofo”. O autor afirma ainda que: “A matéria filosofia separada do ato de filosofar é matéria morta, recheio de livro de estante. Para ser filosofia ela tem que ser reativada, reoperada, assim reaparecendo a cada vez” (ASPIS, 2004, p. 308, grifo da autora). Ao longo do artigo, a pesquisadora defende que a aula de Filosofia é produção de filosofia e o professor não é um doutrinador que ensina verdades filosóficas, mas alguém que colabora para que se pense filosoficamente.

Horn e Mendes (2016) contribuem para pensar o ensino de Filosofia partindo do

método de recepção de Agnes Heller. Os autores enfatizam a centralidade do conceito de recepção filosófica ao pensar em educação filosófica. Os pesquisadores destacam que “[...] a filosofia só é filosofia enquanto expressão do pensar, do agir e do viver simultaneamente” (HORN; MENDES, 2016, p. 281). Para os autores, a filosofia realiza-se no cotidiano, e isso se coaduna com o nosso entendimento de um estágio supervisionado em Filosofia que se relacione com a futura realidade docente do professor de Filosofia.

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE DELEUZE E CARRILHO PARA PENSAR O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O ENSINO DE FILOSOFIA

Para compreender com mais propriedade a questão da experiência filosófica, entendemos ser de relevância o pensamento de Carrilho (1987), o qual trabalha com a dimensão da experiência filosófica realizada pelo professor de Filosofia no âmbito da sala de aula.

Carrilho (1987, p. 11) levanta a questão da possibilidade de determinar a ordem da transmissibilidade filosófica e pergunta como pode ocorrer a transmissão de conhecimentos filosóficos. A aula de Filosofia pode ser considerada, em alguns aspectos, como um laboratório conceitual, um local de simulação gnosiológica e um trabalho com problemas filosóficos. A partir desses três aspectos, Carrilho (1987, p. 14) fala em experiência conceitual ao dizer:

O ensino filosófico deve, nesta perspectiva, valorizar os problemas contra as soluções e não confundir informações com problematização. Só assim se abre caminho para a realização de experiências conceituais que consistem essencialmente em “construir uma determinada situação para pôr à prova certo tipo de comportamento conceitual, tratar uma série de problemas e poder por outros”. (CARRILHO, 1987, p. 14).

A proposta de Carrilho contribui com nossa perspectiva de pesquisa que é considerar o estágio supervisionado em Filosofia como momento de experiência conceitual e um laboratório do pensamento. Ao pensar na prática docente do futuro professor de Filosofia, acreditamos ser necessário que, na Graduação, ele tenha tido uma experiência de criação conceitual para que ele também possibilite aos seus alunos uma experiência filosófica.

O que pode ser ensinado do ponto de vista do conteúdo filosófico? Na proposta de Carrilho (1987), o ensino de Filosofia ocorre, ao mesmo tempo, por meio de conteúdos, como também no próprio processo do filosofar, pois são elementos interligados e que não podem ser separados. Ensina-se Filosofia filosofando. Filosofar quer dizer ir além do pensamento meramente enciclopédico. No entanto, esse conhecimento enciclopédico é importante porque sem a história da Filosofia também não podemos filosofar.

O ensino de Filosofia opera por signos utilizados por diversos filósofos e tais signos devem ser decifrados e reinterpretados. A Filosofia não pode ser entendida como uma doutrinação para um determinado sistema filosófico, deve permitir, sim, que se possibilite o exercício do pensamento. Todavia, deve-se considerar que os filósofos operam por pres-

supostos e, na sua elaboração, os filósofos diferenciam-se entre si na criação conceitual (CARRILHO, 1987).

Carrilho (1987) trata do professor de Filosofia não apenas como reprodutor de conceitos filosóficos, mas também como aquele que produz conceitos filosóficos na interação com seus alunos. A sala de aula seria como um espaço de elaboração dos conceitos filosóficos que emergem da experiência do filosofar. Assim sendo, o licenciando em Filosofia é convidado também a realizar uma experiência do pensamento e, em suas atividades de regência do estágio supervisionado, realizar a experiência de ser professor-filósofo.

Para Deleuze e Guattari (2010), a Filosofia é criação de conceitos. Assim, entendemos que a aula de Filosofia seja o momento adequado para uma experiência filosófica que culminaria com uma criação conceitual.

O filósofo é o amigo do conceito, ele é o conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

Ao relacionarmos a Carrilho (1987), poderíamos dizer que o professor de Filosofia é alguém que realiza uma atividade de professor-filósofo, convidado, em sua sala de aula, como laboratório conceitual, a exercitar a criação de conceitos. Assim sendo, o estágio supervisionado em Filosofia pode ser o momento em que o licenciando pode realizar suas primeiras experiências como docente, contribuindo para que os estudantes do Ensino Médio tenham também uma experiência do filosofar.

Machado (1990, p. 3) considera que o objeto principal da filosofia de Deleuze é o exercício do pensamento: “Fazer filosofia é criar conceitos”. A Filosofia possui sua função de criadora de conceitos, mas isso não lhe garante nenhuma proeminência diante de outros tipos de conhecimento. Desse modo, é preciso que o estagiário em Filosofia seja convidado a pensar seu estágio como um momento de experiência do pensamento, de experiência filosófica e de criação conceitual. Assim, o estágio supervisionado, nessa compreensão, difere de uma atividade meramente burocrática. O estágio supervisionado é o momento oportuno de filosofar sobre a própria prática docente.

Já Nietzsche (1999) entende a filosofia como um laboratório em que o filósofo realiza experimentos. No entanto, o resultado desses experimentos não pode ser “absolutizado” como uma verdade absoluta. O filósofo de Sils Maria também escreve sobre experiência do filosofar sem um compromisso com uma verdade que seria absoluta. O que seria, portanto, a verdade para Nietzsche?

Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso aparecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatória: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáfora que se tornaram gastas e sem força sensível [...]. (NIETZSCHE, 1999, p. 48).

Nessa perspectiva, a verdade, principalmente a filosófica, não pode ser ensinada apenas de modo enciclopédico, mas ser gerada partindo da experiência do filosofar.

O processo educativo referencia-se na própria existência do educando, e a aula de Filosofia pode ser considerada um momento de criação conceitual (DELEUZE; GUATTARI, 2010) e de experiência filosófica. No entanto, a aula de Filosofia, apesar de depender do enciclopedismo e ser uma condição necessária, é insuficiente para a experiência filosófica. O estágio supervisionado como espaço privilegiado de formação docente possibilita o contato com o contexto do ensino médio e a construção da identidade profissional; no entanto, a experiência do licenciando em Filosofia com o curso, como já afirmado, não pode limitar-se, durante o estágio supervisionado, a uma formalidade burocrática para concluir o curso.

O entendimento de que é importante que o professor de Filosofia conduza seus alunos para uma experiência do filosofar (CARRILHO, 1987) permite-nos entender que a aula de Filosofia é o momento propício para uma experiência do pensamento. Assim, o professor de Filosofia é convidado a provocar seus alunos ao exercício do filosofar. O estágio supervisionado é, assim, o momento oportuno para que o licenciando procure exercitar-se na sua futura condição de professor-filósofo (CARRILHO, 1987).

Agnes Heller (1983) contribui para pensarmos sobre a experiência filosófica na medida em que trabalha a questão da relação entre filosofia e cotidiano e afirma sobre a recepção filosófica. Heller (1983) afirma que a filosofia é um convite a pensar. Três questões pontuadas por Heller (1983) seriam: como devo pensar, como devo agir e como devo viver. Essas três questões são muito próximas do que pensamos para o ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica, pois essas questões relacionam o pensar, o agir e o viver, apontando que a filosofia não é um conjunto abstrato de ideias, mas algo que se relaciona com a vida.

Heller (1983, p. 39) argumenta que a recepção filosófica tem como referencial a compreensão, mas não se trata de uma compreensão apenas teórica, apresenta-se, sobretudo, de um enfoque existencial. Assim, para que ocorra uma recepção completa da filosofia, é necessário que ela não seja apenas teórica, mas vivencial, ela deve mergulhar na experiência - deve ser ligada ao cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornamos à pergunta inicial que pautou nossas reflexões: “Em que medida o ensino de Filosofia na licenciatura e o estágio supervisionado possibilitam que o graduando tenha uma experiência filosófica e vivencie uma criação conceitual que lhe permita experimentar o desafio de ser professor-filósofo?”. Diante dessa questão, percebemos a necessidade de, em futuros estudos, realizar uma pesquisa empírica para poder auferir como os licenciandos e os licenciados em Filosofia percebem a contribuição do estágio supervi-

sionado em sua formação. Todavia, do ponto de vista teórico, conforme as pesquisas que apresentamos, como as de D'Ávila e Abreu (2014), Melo (2012) e Araújo (2016), apontam para a importância de se entender o estágio supervisionado não como um momento burocrático da licenciatura, mas como um momento de formação do futuro professor. Trata-se de um momento ímpar na medida em que possibilita uma interação entre a teoria e a prática. O estágio supervisionado é um momento todo particular em que o estagiário tem condições de poder dispor de um contato com a realidade da vida escolar e poder ter condições de pensar em sua própria identidade como futuro professor.

Para responder a essa questão inicial, recorreremos, também, a quatro filósofos - Deleuze e Guattari (2010), Carrilho (1987) e Heller (1983) - cujas respostas nos auxiliam a pensar o estágio supervisionado como momento de experiência filosófica e criação conceitual. O conceito de criação conceitual é proveniente de Deleuze e Guattari (2010), os quais propiciam pensar o ensino de Filosofia como momento de criação de conceitos, indo muito além de reflexão. Para o conceito de experiência filosófica, aproximamo-nos do entendimento de Carrilho (1987), o qual entende a aula de Filosofia como laboratório do pensamento. E Heller (1983) compreende que a recepção filosófica completa só pode ocorrer ao relacionar-se vida e experiência do cotidiano e existir uma integração na recepção filosófica entre pensar, agir e viver. Gabriel (2015) aponta que, embora muitos professores ao responder um questionário afirmassem que suas aulas não eram apenas enciclopédicas, na prática, ao confrontar com as respostas dos alunos, a maioria dos professores exigia, por exemplo, na avaliação, apenas a memorização do que os filósofos haviam afirmado sem nenhuma reflexão pessoal do aluno. Nesse sentido, consideramos importante investigar a formação de futuros professores de Filosofia.

Enfim, entendemos e esperamos que o estágio supervisionado em Filosofia, assim como todos os demais momentos de formação na licenciatura em Filosofia, seja um momento para a criação conceitual e a experiência filosófica, porque acreditamos que o licenciando necessita dessa experiência na licenciatura em Filosofia para ter condições posteriores, quando chegar à sala, de também viabilizar condições para que seus alunos na Educação Básica tenham uma experiência filosófica que possibilite não apenas terem contato com conceitos filosóficos, produzidos na história da Filosofia, mas também a filosofarem, a problematizarem o mundo, o cotidiano em que vivem. Assim, entendemos que é de grande importância que o professor de Filosofia seja um professor-filósofo, que ele não seja apenas um repetidor da tradição filosófica (que também é importante), mas que vá além, sendo filósofo e criador de conceitos, tornando a sala de aula um ambiente de laboratório conceitual, conforme nos ensina Carrilho (1987), e de criação conceitual (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Além disso, é importante ressaltar, conforme Heller (1983), que a filosofia não é apenas ter uma recepção meramente teórica, mas também é algo a ser vivenciado no cotidiano, uma vez que teoria e existência estão intimamente interligados. O cotidiano é a vida.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Raimundo Dutra. **O acompanhamento do Estágio Supervisionado na formação docente**. Curitiba: CRV, 2016.

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de Filosofia: o ensino de Filosofia no Ensino Médio como experiência filosófica. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.

BACCON, Ana Lúcia Pereira. **O professor como um lugar**: um modelo para análise da regência de classe. 2005. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

BACCON, Ana Lúcia Pereira; ARRUDA, Sérgio de Mello. Os saberes docentes na formação inicial do professor de física: elaborando sentidos para o estágio supervisionado. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 16, n. 3, p. 507-524, 2010.

CARRILHO, Manuel Maria. **Razão e transmissão da Filosofia**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

D'ÁVILA, Cristina Maria; ABREU, Roberta Melo de A. **Estágio curricular supervisionado na formação de professores e pedagogos**. Curitiba: CRV, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

GABRIEL, Fábio Antonio. **A aula de Filosofia enquanto experiência filosófica**: possibilitar ao estudante de Filosofia “criar conceitos” e ou “avaliar o ‘valor’ dos valores”. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. O problema da experiência no ensino de filosofia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 9-26, jul./dez. 2006.

GONTIJO, Pedro. Formação inicial de professores de filosofia: mapeando um campo de investigação. In: TOMAZETTI, Elisete Medianeira. (Org.). **Ensino de filosofia, problematizações e perspectivas**. Curitiba: APPRIS, 2015. p. 117-145.

HELLER, Agnes. **A filosofia radical**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasili-

se, 1983.

HEUSER, Ester Maria Dreher. Muros do estágio e da formação de professores de filosofia. **Saberes**, Natal, v. 2, n. 5, p. 18-28, ago. 2010.

HORN, Geraldo Balduino; MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. Ensino de Filosofia: método e recepção filosófica em Agnes Heller. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 62, p. 279-293, out./dez. 2016.

LOPES, Silmara Aparecida. O ensino de Filosofia por meio da experiência filosófica. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 2, n. 2, p. 295-310, jul./dez. 2016.

MACHADO, R. **Deleuze e a filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MEDEIROS, Lilian de. **Estado da arte das teses e dissertações sobre estágio supervisionado: as tendências dos estudos de estágio supervisionado**. Curitiba: CRV, 2016.

MELO, Geovana. Estágio na formação inicial de professores: aguçando o olhar, desenvolvendo a escuta sensível. In: SILVA, Lázara Cristina; MIRANDA, Maria Irene. (Orgs.). **Estágio Supervisionado e prática de ensino: desafios e possibilidades**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2014. p. 1-34.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho, posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

SACRISTÁN, José Gimeno. Por que nos importamos com a educação do futuro? In: JARAUTA, Beatriz; IMBERNÓN, Francisco. **Pensando no futuro da educação: uma nova escola para o século XXII**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 11-19.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira; MORAES, Simone Becher Araujo. Formação do Professor de filosofia: entre o saber e o fazer. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 7, n. 2, p. 744-758, jun./jul. 2016.